

**Senhor Reitor, Carlos Frederico Leão Rocha, Sr Decano, Flavio Alves Martins, Sr Diretor Fabio Freitas, meu caro companheiro Franklin Serrano, membros da comissão de honra que gentilmente aceitaram meu convite, e todos e todas presentes,**

I

Um retrospecto autobiográfico inclui sempre uma grande dose de arbitrariedade sobre o tempo e sobre os eventos escolhidos. Afinal, como dito por José Ortega y Gasset “eu sou eu e minhas circunstâncias”<sup>1</sup>, mas essa boa fórmula está longe de ser precisa, pois, as circunstâncias são muitas e nem sempre são totalmente conscientes as que modelam e navegam nossos comportamentos. Começarei aqui, no tempo que disponho e na emoção deste momento- os que me conhecem sabem o meu desconforto quando falo de mim- com meu ingresso na UFRJ como aluno de graduação. Desde logo, não gostaria neste retrospecto construir um relato individualista salientando originalidade, penso que minha história é semelhante a muitas outras, mas que “por acaso tomou uma direção e uma evolução particular”

II

Entrei na então Faculdade de Economia e Administração (FEA) da UFRJ em 1971, há exatos 52 anos atrás.

Nos imediatos anos anteriores houve uma grande diáspora entre os professores e poucos do quadro docente motivavam a reflexão acadêmica dos estudantes. Eram anos de chumbo marcados por uma repressão generalizada aos movimentos sociais e políticos de resistência e perseguição ao pensamento crítico e autônomo.

Lembro aqui de um episódio em que o diretor da FEA, um interventor militar vinculado ao SNI negou um pedido dos estudantes para a realização de um show do Milton Nascimento no Teatro de Arena porque segundo ele em uma de suas músicas (Travessia) Milton dizia “que o caminho era de pedra” e ele, o diretor/interventor,

---

<sup>1</sup> **"Eu sou eu e minha circunstância, e se não a salvo a ela, não me salvo a mim"**, de autoria do filósofo espanhol José Ortega y Gasset e publicada originalmente no introito de sua obra inicial, *Meditaciones del Quijote*, de 1914.

assegurava que graças à Revolução de 1964 não havia mais pedras no caminho dos jovens....

Entretanto, apesar da ditadura, o pensamento e a cultura política de resistência proliferavam e se afirmavam no país em diversos planos. Tínhamos nesta geração o “otimismo da vontade” ainda que nossa razão pudesse ser pessimista, mas jamais fatalista. e perguntávamos com Bob Dylan: “Quem é que precisa de um meteorologista para saber em que direção sopra o vento? O que precisamos mesmo é de coragem para tomarmos nossas próprias decisões”<sup>2</sup>

Meus grandes amigos Alberto e Roberto que me honram aqui participaram vivamente deste momento e desta minha história...

Meus anos de graduação foram principalmente caracterizados pela participação nos movimentos estudantis de resistência democrática e nas discussões intermináveis e riquíssimas entre todos os que de uma forma ou outra se engajaram na vida social e política. Apesar da censura, alguns clássicos da literatura política eram editados no país e entre todos os autores que me influenciaram nesta época destacaria Antônio Gramsci e suas ideias fundamentais desenvolvidas na prisão e publicadas nos *Cadernos do Cárcere* sobre o poder entendido como uma articulação entre força e persuasão, e suas análises sobre a importância das instituições e da cultura nos processos de mudança.

Ao longo do meu período de graduação, os seminários promovidos por instituições como o Instituto dos Economistas do Rio de Janeiro e o Conselho Regional de Economia foram um grande estímulo para o pensamento crítico. Um tema essencial se destacava, a distribuição de renda e a crítica ao “milagre brasileiro”. Era notável a influência dos textos, livros e seminários de Maria da Conceição Tavares, Celso Furtado, Carlos Lessa, Ignácio Rangel, e Antônio Barros de Castro. Entre os meus professores da Faculdade destacaria as aulas dos professores Sulamis Dain e José Tavares de Araújo. Tornei-me monitor deste na disciplina Teorias do Crescimento Econômico em que ao lado dos modelos keynesianos de crescimento apresentava-se a

---

<sup>2</sup> Subterranean Homesick Blues, do album Bringing It All Back Home, de 1965”

perspectiva estruturalista da CEPAL. Destacaria aqui o meu entusiasmo com o livro *El Subdesarrollo Latinoamericano y la Teoría del Desarrollo* de

Oswaldo Sunkel e Pedro Paz. Uma mensagem duradoura que surgiu deste livro e da abordagem da economia da CEPAL e que permeou minhas análises posteriores era a proposição de que não é possível compreender as trajetórias nacionais de desenvolvimento sem as considerar no contexto mais geral referido pelos autores como marco histórico estrutural.

Esta experiência foi muito importante para a minha posterior concentração na temática do desenvolvimento econômico concebido como um processo de mudança estrutural induzido pela taxa de acumulação de capital e pelo progresso técnico, mas condicionado histórica e socialmente pelas lutas entre as classes sociais e de poder entre os estados nacionais.

Em 1974 entrei no mestrado em Engenharia da Produção da COPPE, UFRJ e em 1977 defendi minha dissertação de mestrado *Industrialização e Capital Financeiro no Brasil* a partir de um ensaio importante de Conceição Tavares sobre o capitalismo financeiro.

Neste mesmo ano fui aprovado em dois concursos públicos para professor assistente na área de Economia Política. O primeiro na FEA da UFRJ, em regime de 40 horas e o segundo na FEA da UFF em regime de 20 horas. Permaneci nas duas faculdades até 1993<sup>3</sup>, quando pedi demissão da UFF e me dediquei desde então a UFRJ em regime de dedicação exclusiva.

Em 1982 ingressei no Doutorado do Instituto de Economia da Unicamp e participei intensamente das discussões que neste momento se concentravam em dois eixos centrais; a interpretação a partir dos seminais trabalhos de Maria da Conceição Tavares (1974, 1978) e João Manoel Cardoso de Melo (1982) sobre a industrialização brasileira, bem como os seus desdobramentos sobre a política econômica, distribuição de renda e a crise da dívida externa brasileira e a análise da dinâmica econômica do

---

<sup>3</sup>Ministrando disciplinas de Economia Política, Desenvolvimento Econômico, Economia Brasileira

capitalismo a partir das contribuições de Karl Marx, John M. Keynes, Michael Kalecki e Joseph A. Schumpeter<sup>4</sup>.

Algumas teses de doutorado deste instituto foram particularmente importantes. Em sua tese de doutorado e nos livros que dela resultou, Mário Luís Possas (que posteriormente tornou-se professor do IE/UFRJ e hoje é professor emérito) sistematizou e divulgou esta abordagem e em suas respectivas teses de doutorado, Paulo Baltar e Paulo Renato de Souza incorporaram no esquema teórico estruturalista as análises dos economistas institucionalistas americanos (como John Dunlop (1979) e Michael Piore (1979) sobre o mercado de trabalho.

Em 1983 participei da Escola de Verão (*Summer School*) organizado por Pierangelo Garegnani, Jan Kregel, Paul Davidson, Luigi Pasinetti, e Maximo Pivetti realizado na cidade de Trieste, Itália com o objetivo de divulgar e aproximar as duas principais perspectivas teóricas críticas da economia: a pós-keynesiana e a economia política clássica. A questão central deste seminário era buscar uma ponte entre o princípio da demanda efetiva desenvolvido por Keynes e Kalecki com a teoria dos custos de produção e da distribuição de renda dos economistas políticos clássicos a partir da síntese realizada por Piero Sraffa. Este projeto de retomada da economia política e da teoria da acumulação induzida pela demanda constituiu o núcleo dos trabalhos de Pierangelo Garegnani (1978, 1979) e, após sua tese de doutorado, de Franklin Serrano (1996) hoje, indiscutivelmente uma das vozes mais relevantes desta abordagem.

Os anos 1980 foram ricos pessoalmente para mim – minhas filhas nasceram- o país se livrava da ditadura e aprovava uma Constituição Socialdemocrata em 1988 e academicamente muito férteis no Instituto de Economia Industrial (IEI), criado em 1979 com amplo apoio da FINEP e formado com o deslocamento de diversos professores doutores do programa de Engenharia da produção da Coppe<sup>5</sup> e

---

<sup>4</sup> A Economia da UNICAMP vivia neste tempo um momento intelectual excepcional para o pensamento crítico entre os economistas heterodoxos, com amplas discussões não só sobre teoria, mas também sobre as interpretações sobre o desenvolvimento econômico e social do país.

<sup>5</sup> como João Sabóia, José Antonio Ortega, José Ricardo Tauile entre outros

professores da Faculdade de Economia e Administração (FEA) com notória liderança acadêmica, especialmente Maria da Conceição Tavares, Carlos Lessa e Antonio Barros de Castro<sup>6</sup>.

Embora as discussões sobre a economia brasileira e a aceleração inflacionária predomassem a vida acadêmica do recém-criado IEI era muito mais ampla e diversificada. Em 1979, Castro havia publicado o livro *O Capitalismo Ainda é Aquele* que teve ampla repercussão tanto no Instituto de Economia da Unicamp quanto no IEI. As relações entre acumulação, distribuição, e demanda efetiva no capitalismo maduro constituíam o principal campo de debates<sup>7</sup>.

Outra notável controvérsia se deu sobre o II Plano Nacional de Desenvolvimento (introduzido em 1974-79) a partir da tese de professor titular de Carlos Lessa e da interpretação alternativa de Antonio Castro<sup>8</sup>. A partir desta controvérsia surgiram amplas discussões sobre industrialização brasileira, a restrição de balanço de pagamentos e políticas econômicas. O IEI rapidamente afirmou-se como um centro de pensamento econômico heterodoxo com ampla participação na pós-graduação em economia do país<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> Eduardo Augusto, José Tavares, Fabio Erber e Ricardo Tolipan da FEA exerciam também importante influencia na configuração de linhas de pesquisa em economia industrial, tecnologia, comércio exterior e teoria econômica.

<sup>7</sup> De um lado, Castro que em seu livro seguia uma interpretação posteriormente identificada como de “esmagamento dos lucros” (Marglin&Schor, 1990) sobre a desaceleração do crescimento das economias industrializadas nos anos 1970; de outro, Conceição Tavares (em seminários) que contrapunha esta interpretação com uma leitura de Marx e de Kalecki sobre a subordinação dos salários aos movimentos da acumulação

<sup>8</sup> Em 1978, Carlos Lessa em sua tese de professor titular, havia realizado ampla crítica ao plano de indústria pesada dos anos 1970; em 1985, Castro e Francisco Eduardo Souza (também professor da casa), em *A Economia Brasileira em Marcha Forçada* defenderam a estratégia e argumentaram essencialmente que o superávit comercial que se gerara ao longo dos anos 1980 possuía uma natureza estrutural e não decorria apenas da desaceleração do crescimento

<sup>9</sup> Ao longo dos anos 1980, como um jovem professor de graduação e estudante de doutorado, me beneficiei amplamente dos textos de discussão do IEI que cobriam um amplo tema de pesquisa da economia do desenvolvimento como as questões macroeconômicas do crescimento econômico, da distribuição, da economia industrial

Ainda nesta década, Maria da Conceição Tavares publicou “*A Retomada da Hegemonia Norte-americana*” (1985), um trabalho que combinava com originalidade as questões do poder e da moeda nas relações internacionais e relia as relações centro-periferia no capitalismo contemporâneo. Ao contrário de diversas interpretações da época que sublinhavam o declínio americano, Tavares interpretava as transformações inauguradas por Ronald Reagan como a retomada da hegemonia dos EUA. Este trabalho teve ampla repercussão no instituto e nas minhas reflexões<sup>10</sup> e deram origem posteriormente, com a decidida liderança de José Luís Fiori, a cinco livros com a participação de diversos autores, do Instituto de Economia Industrial da UFRJ e da Unicamp. Este campo temático resultou posteriormente na criação de uma nova área de ensino e pesquisa no Instituto de Economia da UFRJ, a Economia Política Internacional.

Estas referências teóricas foram marcantes em minha formação intelectual e para a minha tese de doutorado, mas apenas no final da década pude me dedicar inteiramente a sua elaboração pois em meados dos 1980 fui eleito Chefe de Departamento de Economia da Faculdade de Economia e Administração (FEA) da UFRJ<sup>11</sup>

No final desta década participei de uma pesquisa coletiva do IEI<sup>12</sup>, coordenada por Maria da Conceição Tavares e José Luís Fiori sobre as transformações na economia mundial e as estratégias nacionais de desenvolvimento envolvendo diversos

---

e da tecnologia). A importância do pensamento coletivo.... A leitura e interpretação da economia brasileira segundo estes ângulos formava um claro leito comum.

<sup>10</sup>Entre outros aspectos, o que passou a distinguir a minha abordagem nos cursos de experiências comparadas de desenvolvimento econômico desde os anos 1990 foi a importância conferida às relações monetárias internacionais e ao poder do país que emite a moeda internacional na configuração tanto das oportunidades quanto dos bloqueios às estratégias nacionais de desenvolvimento estruturalmente associadas às questões associadas ao balanço de Pagamentos do país.

<sup>11</sup> Entre as diversas questões que me dediquei neste período busquei sinergias acadêmicas entre programas e entre os professores do Departamento de Economia que pertencia a (FEA) e o Instituto de Economia Industrial (IEI) responsável pela pós-graduação e atividades de pesquisa.

<sup>12</sup> Que contou com recursos do PNUD

seminários e pesquisadores de diversos países. Esta pesquisa que realizei em Roma e Madri foi a base para a minha tese de doutorado intitulada *“Padrões de Industrialização e Ajuste Estrutural: um estudo comparado dos regimes salariais em capitalismo tardios”* defendida em 1992, no Instituto de Economia da UNICAMP sob orientação da prof. Maria da Conceição Tavares<sup>13</sup>.

Vivíamos nos anos 1990 um período de normalização democrática e liberdades civis, mas ao mesmo tempo, com o colapso da União Soviética afirmou-se amplo domínio dos dogmas anunciados por Donald Reagan ao dizer que o estado não é a solução, mas o problema e por Margareth Thatcher ao proferir que não existe outra alternativa. No país (e no continente) a tradução do pensamento único foi a defesa de um caminho obrigatório de reformas liberalizantes avesso ao desenvolvimentismo acusado de ser umbilicalmente associado ao autoritarismo e à alta inflação, caminho este cristalizado no pacote de reformas do Consenso de Washington e no triunfo do neoliberalismo enquanto regime alternativo de crescimento econômico e de política econômica.

Subjacente a esta abordagem de política econômica afirmavam-se nos principais programas de pós graduação em economia do país as abordagens da macroeconomia e da microeconomia ortodoxas prevalentes no ensino de pós-graduação nos EUA reivindicando para a economia um estatuto de ciência pura – a ortodoxa- distante e fora das ciências sociais. Na coordenação da Pós-Graduação do IEI (1993-6) tive ativa participação nas transformações decorrente da integração do curso de graduação da economia (da FEA) com a pós-graduação no Instituto de Economia (IE) e segui nesta reestruturação a perspectiva de que o diálogo com as diferentes abordagens do pensamento econômico (e a renovação do quadro docente) não poderia resultar em ecletismo ou diluição da identidade da nossa pós-graduação no contexto brasileiro e internacional, caracterizada por sua trajetória intelectual

---

<sup>13</sup> As iniciativas e projetos coletivos foram se ampliando. Em 1993, o IEI participou em conjunto com o Instituto de Economia da UNICAMP e outras instituições de pesquisa associadas como o SPRU/Universidade de Sussex de um amplo projeto de pesquisa, Estudos da Competividade da Indústria Brasileira, com financiamento do MCT/BIRD e coordenada pelo prof. Luciano Coutinho.

assentada no pensamento estruturalista e heterodoxo.<sup>14</sup> Considero hoje que esta resistência aqui na UFRJ e na Unicamp foram essenciais para a difusão de um pensamento crítico entre os economistas em alto nível acadêmico. Poucos países possuem entre seus programas de pós-graduação de economia uma produção metodologicamente diversificada como a que se desenvolveu por aqui nestes dois centros, mas que se irradiou também para outros programas de pós no país.

Os anos 2000 passaram por grandes transformações geopolíticas e por grandes transformações na economia internacional viabilizando a retomada do crescimento econômico e ampliação das políticas de renda sob governos progressistas na América Latina e no país sobre estratégias de desenvolvimento.

Eu me engajei em novos temas e novos projetos<sup>15</sup>. Depois de um estágio de pós-doutorado na Universidade de Cambridge, Inglaterra<sup>16</sup> publiquei dois ensaios que tiveram razoável circulação e que resumia a minha crítica ao neoliberalismo triunfante na América Latina e no Brasil nos anos 1990: o primeiro fazia uma forte crítica às privatizações na América Latina e no Brasil, o segundo discutia a dependência financeira na América Latina. Em 2008, participei da criação do Programa de Pós-graduação em Economia Política Internacional (PEPI). Em 2012 e 2013 participei de uma pesquisa promovida pelo IPEA sobre crescimento, padrões de consumo e estrutura produtiva que resultou na elaboração de um livro, *Inserção externa*,

---

<sup>14</sup>As áreas de ensino e pesquisa foram reagrupadas (em Teoria Econômica, Macroeconomia, Economia Industrial, Economia do Trabalho e Distribuição) lideradas por professores com notória liderança acadêmica. Ao longo deste período fui também eleito representante do IE no Conselho de Ensino e Pesquisa (CEPEG) da UFRJ.

<sup>15</sup> Em 2000, a convite da CEPAL-Brasília, (presidida por Ricardo Bielschowsky) coordenei a implementação de uma Rede de Ensino e Pesquisa sobre a Economia da América latina em Universidades Brasileiras. Entre 2003 e 2004 coordenei um curso de Especialização (pós-graduação *latu sensu*) em Desenvolvimento Econômico e Social oferecido pelo Instituto de Economia da UFRJ aos funcionários do BNDES, então presidido pelo professor Carlos Lessa (um dos professores mais vibrantes e instigantes desta casa).

<sup>16</sup> Sob a supervisão do prof. Gabriel Palma e persistente diálogo com o prof. Ha-Joon Chang desta universidade



*Crescimento e padrões de Consumo na Economia Brasileira* publicado pelo IPEA em 2015.

### III

Algumas breves palavras sobre os temas centrais da minha produção acadêmica.

A discussão central na literatura sobre o desenvolvimento econômico nos anos 90 se dava sobre a grande divisão ocorrida entre os países da Ásia e os da América Latina entre duas perspectivas, de um lado a visão ortodoxa do BM sublinhando as virtudes do mercado considerado mais livre na Ásia e de outro a visão oposta dos institucionalistas sublinhando a virtude do Estado desenvolvimentista entre os países asiáticos.

Embora eu concordasse com o núcleo dos argumentos da interpretação institucionalista, ela não me parecia totalmente suficiente. A minha crítica às análises correntes sobre o desenvolvimento (incluindo a tradição da Cepal) era sobre a ausência de reflexões sobre porque os Estados fazem ou não fazem o que normativamente estas análises consideram o que deva ser feito em prol do desenvolvimento. Trata-se aqui da complexa relação entre o poder econômico e o poder político

Na peça Henry 4 Shakespeare havia um diálogo entre Harry e Falstaff', que sempre me instigou...Em um trecho o príncipe diz que não teme o futuro pois

“Quando eu sonho os deuses me aparecem” e o seu interlocutor responde “Eu também sonho, mas eles, os deuses, não aparecem”

Essa foi a ideia chave que comecei a desenvolver em minha análise sobre os processos do desenvolvimento nas economias periféricas; em determinadas circunstâncias internacionais e geopolíticas, as estratégias nacionais tomadas pela vontade/sonho do Príncipe moderno, isto é, pelo Estado nacional podem ou não triunfar. Sem vontade não há sonho, mas este só se realiza em determinadas circunstâncias independentes da vontade do Príncipe e o entendimento destas e de como nas estratégias nacionais exitosas operam as dimensões internacionais é central para que a análise do desenvolvimento supere o “nacionalismo metodológico” e seus

desdobramentos como o voluntarismo ou o reducionismo tornando a análise do desenvolvimento a uma lista de boas políticas a serem seguidas<sup>17</sup>. Nada mais distante de uma economia política do desenvolvimento criativamente desenvolvido pelos formuladores originais do estruturalismo latino-americano em sua ênfase sempre posta no “marco histórico estrutural”

Esta perspectiva pautou meus trabalhos comparativos sobre a evolução econômica na Ásia e América Latina, mas também em outros campos. Como minhas análises sobre o progresso técnico nos EUA, com o seu poderoso “complexo industrial acadêmico e militar” responsável pelas principais inovações que se difundiram no pós-guerra; bem como minhas análises sobre a China e sua extraordinária trajetória de desenvolvimento. Uma trajetória que inicialmente contou com circunstâncias e oportunidades criadas com a orientação econômica e política dos EUA, mas que hoje é percebida pelo Pentágono como “o desafio de segurança geoestratégica de longo prazo número 1”. As circunstâncias externas e internas com que se deparam os Estados nacionais estão em permanente mutação.

Num plano mais geral discutiu-se em diversos trabalhos como a evolução socioeconômica que os economistas ortodoxos percebem apenas funcionalmente é um processo, não redutível a uma única razão econômica, mas submetido a um conjunto de circunstâncias historicamente específicas. Forma-se neste processo distintas variedades e estilos nacionais de desenvolvimento. As instituições que

---

<sup>17</sup> Em *Globalização e Inserção Diferenciada na Ásia e América Latina (1997)*, talvez um dos meus textos de maior repercussão usei de forma distinta e adaptada a expressão “desenvolvimento a convite” usada por Immanuel Wallerstein (1979) para descrever uma relação privada entre empresas transnacionais e empresas domésticas associadas e subordinadas a estas; a expressão foi usada como uma relação de poder entre estados nacionais construída pela potência dominante (os EUA) tendo em vista seus interesses e conflito geopolítico.

emergem deste processo não são nem racionais ou irracionais, eficientes ou ineficientes, são sociais.

A distribuição de renda e a elevação dos padrões de vida da população foi outro tema central das minhas investigações. A discussão no país dos anos 2000, se dava sob o predomínio dos “pobrólogos” (sempre ironicamente referido pelo nosso querido Claudio Salm) e da teoria do capital humano....A minha interpretação inspirada em Ignacio Rangel que numa formulação similar à de Arthur Lewis observava que a distribuição de renda depende essencialmente do salário pago ao peão e trabalhador volante da agricultura estava na base das minhas análises sobre a extraordinária expansão do consumo popular nos anos 2000 e a influência do salário mínimo sobre a taxa de salário.

Na avaliação da década dos 2000 observou-se que não obstante a massificação do consumo privado decorrentes essencialmente da elevação da taxa do salário de base, as carências na provisão de transportes urbanos, hospitais e educação pública universal embora tivessem caído em termos absolutos, aumentaram em relação às expectativas em parte suscitadas pelo próprio aumento do consumo privado. A expansão dos serviços privados, e o comprometimento da renda da classe média e da baixa classe média a estes serviços aumentaram tornando claro que o enfrentamento da questão clássica da heterogeneidade estrutural e da pobreza (que no país é estruturalmente muito alta) passa essencialmente pela provisão de serviços públicos de qualidade.

Embora a economia brasileira tenha há algum tempo deixado de seguir uma estratégia abrangente e de intervenção estratégica visando o desenvolvimento produtivo e tenha havido significativo retrocesso em sua especialização produtiva e exportadora num momento em que a fronteira tecnológica tem se deslocado com a difusão das TCI, a discussão dos economistas heterodoxos no país tem se limitado a enfatizar os aspectos macroeconômicos e a competitividade em preços na origem dos problemas e delimitação de estratégias alternativas.

Em diversos trabalhos recentes discuti que no contexto das transformações tecnológicas, comerciais e geopolíticas contemporâneas a articulação das análises da macroeconomia do crescimento (o crescimento induzido pela demanda) com as da

economia industrial (progresso técnico, sistema nacional de inovação, infraestrutura econômica), questão que esteve na origem do programa de pesquisa do Instituto de Economia Industrial da UFRJ e que constitui hoje num país caracterizado por deterioração da infraestrutura, concentração de renda e declínio industrial, o principal desafio e empreendimento intelectual para os próximos anos<sup>18</sup>.

#### IV

A longo das minhas atividades de ensino e pesquisa trabalhei com diversos estudantes e jovens professores<sup>19</sup>. Alguns dos meus orientados de doutorado tornaram-se professores de economia em universidades federais no país e também coautores de textos publicados em revistas especializadas e apresentados em congressos. Alguns deles me horaram aqui

Acredito plenamente na natureza coletiva do conhecimento em que o desenvolvimento das ideias resulta sempre do diálogo, das aulas, dos debates, enfim

---

<sup>18</sup> Em que pese a força do pensamento ortodoxo e reacionário do pensamento dominante entre os economistas no país há presentemente na literatura e na experiência mundial um crescente reconhecimento da importância da política industrial seletiva, das compras governamentais, dos institutos públicos de pesquisa para a mudança tecnológica e modernização produtiva. Do mesmo modo, há um crescente reconhecimento da importância estratégica do investimento público em infraestrutura (um dos fatos estilizados mais significativos do alto desempenho das economias asiáticas dinâmicas) por ser ao mesmo tempo fonte de demanda final para o setor de bens de capital (política industrial vertical) e produtividade para o sistema econômico como um todo (política industrial horizontal). Mas estas questões não podem ser desarticuladas das suas relações com a distribuição de renda. O desenvolvimento compatível com uma melhor distribuição da renda e elevação do padrão de consumo das massas requer o enfrentamento simultâneo da questão da heterogeneidade estrutural, componente essencial da economia política do desenvolvimento econômico. Claro está, que o enfrentamento desta depende de investimentos públicos e transferências de renda o que torna a agenda e as estratégias de desenvolvimento um tema essencial da relação de poder entre os grupos econômicos dominantes e as classes sociais sobre as prioridades e a direção da política econômica.

<sup>19</sup> Até o presente, orientei 13 monografias de graduação e desde minha inserção na pós-graduação, 20 dissertações de mestrado e 7 teses de doutorado que versaram sobre os temas de ensino e pesquisa que desenvolvi no período, especialmente sobre experiências comparadas de desenvolvimento. Em 2011 recebi o prêmio *James Street Latin American Scholar*, conferido pela *Association for Evolutionary Economics (AFEE)* a pesquisadores do continente.

do trabalho coletivo; a minha produção intelectual reflete a minha formação neste ambiente acadêmico e minha participação nas discussões, formais e informais com professores e alunos bem como com a inserção nos grupos de pesquisa, em particular do atual grupo de Economia Política do Instituto de Economia. Este trabalho coletivo e cooperado deu origem, mas de forma alguma se limitou, aos diversos trabalhos elaborados em coautoria com professores e alunos de pós-graduação.

Antes de terminar gostaria de uma palavra aos jovens estudantes aqui presentes. Vivemos hoje num ritmo acelerado sempre na busca da última informação e do último texto e ideia. Neste transe em que tudo parece flutuar e se desmanchar frequentemente não nos damos conta de que na política, na economia e ciências sociais o embate fundamental não é nada novo, ao contrário: afinal o que há de novo na defesa contemporânea da austeridade fiscal e do orçamento equilibrado, a velha doutrina conservadora do Tesouro da Inglaterra vitoriana? O que há de novo na reflexão de que sem um Estado organizado, e sem controle social sobre a terra, o capital e o trabalho a disputa de todos contra todos leva um regresso da civilização ou como sublinhava Hobbes no século XVIII torna a vida das pessoas 'solitária, pobre, desagradável, bruta e curta'<sup>20</sup>? Não me refiro apenas a vida nas comunidades e subúrbios das grandes cidades brasileiras ou mexicanas, mas a via contemporânea no subúrbio de Nova York, Chicago, Paris...

Apesar de todas as novidades e inovações do mundo contemporâneo velhas ideias nos governam sem que muitas vezes tenhamos consciência delas, umas por reproduzirem ideologias e mitos convenientes aos interesses dominantes outras porque afinal o capitalismo ainda é aquele (apud Barros de Castro), desse modo, apenas a leitura profunda, calma e crítica dos autores clássicos é possível entender de fato as tramas do que nos parece ser tão novo.

Minhas palavras finais são aqui dedicadas a Maria da Conceição Tavares a minha principal inspiradora acadêmica que justamente hoje faz 93 anos. Em 1947 Jorge Luís Borges escreveu *A New Refutation of Time*, onde conclui

---

<sup>20</sup> 'solitary, poor, nasty, brutish, and short'

*O tempo é a substância de que sou feito. O tempo é um rio que me arrasta, mas eu sou o rio; é um tigre que me mutila, mas eu sou o tigre; é um fogo que me consome, mas eu sou o fogo*<sup>21</sup>

Parabéns professora e

Muito Obrigado a vocês

---

<sup>21</sup> Time is the substance of which I am made. Time is a river that sweeps me along, but I am the river; it is a tiger that mangles me, but I am the tiger; it is a fire that consumes me, but I am the fire.